

CONSIDERAÇÕES SOBRE O OLHAR DAS ORIENTADORAS DE ESTUDO DO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA SOBRE SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA

JÉSSICA ALINE LEAL ROSA¹; RAÍSSA CARDOSO AMARAL²; ELLEM RUDIJANE MORAES BORBA³; GILCEANE CAETANO PORTO⁴; MARTA NÖRNBERG⁵

¹UFPel, Faculdade de Educação, bolsista de iniciação científica CAPES – jes.aline@hotmail.com

²UFPel, Centro de Letras e Comunicação, bolsista de iniciação científica CAPES – issa.amaral@hotmail.com

³UFPel, Centro de Letras e Comunicação, bolsista de iniciação científica CAPES – ellemsdjb@gmail.com

⁴UFPel, Faculdade de Educação, co-orientadora - gilceanep@gmail.com

⁵UFPel, Faculdade de Educação, orientadora – martaze@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa desenvolvido pelo Observatório da Educação (OBEDUC) - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Formação continuada de professores e melhoria dos índices de leitura e escrita no ciclo inicial de alfabetização (1º ao 3º ano). Ocupamo-nos, neste trabalho, com a análise e reflexão sobre o que orientadoras de estudo (OE) do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (doravante PNAIC) escrevem sobre suas compreensões a respeito da escrita alfabética.

Sabemos que as práticas de alfabetização estão diretamente ligadas às concepções de escrita das professoras. Deste modo, conceber a escrita como um código é condenar o seu ensino a práticas em que decorar e reproduzir combinações de símbolos são as mais recorrentes. Por conseguinte, compreender a escrita como sistema notacional exige um ensino na perspectiva do letramento.

Para promover a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética, é possível afirmar que a escola deve oportunizar aos alunos o contato com práticas sociais de leitura, escrita e oralidade que estejam interligadas com a proposta de “alfabetizar letrando” (SOARES, 1998).

METODOLOGIA

Durante a formação do PNAIC, realizada em agosto de 2013, duas perguntas foram propostas às professoras alfabetizadoras, para que elas pudessem tecer suas considerações: “Por que a escrita alfabética é um sistema notacional e não um código?” e “Como as crianças se apropriam?”.

Dessa forma, analisamos os textos escritos de uma turma de vinte e cinco docentes do Polo 2, que corresponde à região de Osório/RS. O método de análise, neste estudo, ampara-se nos pressupostos da Análise de Conteúdo (MORAES, 1999).

Através da perspectiva metodológica de MORAES (1999), tornou-se necessário realizar a análise do conteúdo das respostas das orientadoras de estudo após um processo atencioso de leitura, a fim de desconstruir e unitarizar os textos. Logo, criamos as seguintes categorias para discutir as ideias extraídas: Sistema notacional – Código – Apropriação do sistema de escrita alfabética.

A partir disso, foram levantadas algumas hipóteses sobre a compreensão das orientadoras de estudo acerca do sistema notacional de escrita. Em virtude de um

número expressivo de respostas das orientadoras e de um curto número de páginas a serem escritas, optamos por selecionar algumas respostas dentro de cada categoria analisada. As orientadoras de estudo serão caracterizadas como OE201 – número aleatório atribuído a cada orientadora de estudo.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise das respostas das orientadoras de estudo do polo de Osório, apreendemos que a maioria das professoras ainda não consolidou ou não compreendeu claramente os conceitos trabalhados na formação do PNAIC, apesar destes serem diretamente ligados a sua prática pedagógica e terem sido discutidos e aprofundados através dos encontros de formação continuada. Também foi possível observar a tendência de algumas orientadoras de estudo do PNAIC de escreverem suas respostas de modo fragmentado, ou seja, não aprofundam suas considerações (Tabela 1).

<p>Sistema Notacional (Ausência da compreensão acerca do conceito)</p>	<p>OE201 Sinceramente não faço a menor ideia; OE202 Penso que deve ser notacional porque tudo na escola tem uma nota e quando não vale nota os alunos (alguns) não querem fazer; OE203 Porque segue uma organização de caracteres, símbolos, e respeita regras de utilização, sendo que basta a criança decorar, conhecer as formas de utilização para estar alfabetizada. OE204 Ao meu ver porque ela ajuda o educando a aprender de maneira mais eficaz e envolvente.</p>
<p>Código (O que pensam sobre o motivo da escrita não ser um código)</p>	<p>OE205 Porque se fosse um código seria difícil associar uma consoante a outra; OE206 Porque cada criança inicia a alfabetização a partir de suas percepções, cada uma da sua maneira. Cada uma possui seu caminho e suas estratégias; OE207 A escrita alfabética não pode ser entendida como um código, pois, suas partes e seus níveis não podem ser decifrados, mas sim compreendidos dentro de uma lógica da Língua Portuguesa.</p>
<p>Apropriação do SEA (Como as crianças se apropriam do sistema de escrita alfabética)</p>	<p>OE208 A partir da construção de hipóteses ela entende como se dá a escrita; OE209 A criança se apropria do sistema alfabético a partir de suas relações com os distintos materiais e relações; OE210 As crianças se apropriam da escrita alfabética através da repetição, do visual e da prática (concreto). OE211 De várias maneiras depende da metodologia do professor; OE212 Pela repetição, eles irão se apropriar, tipo: A lula é lelé. OE213 A escrita alfabética acontece quando o aluno escreve “certo”,</p>

	mas não “correto”, exemplo: careta = carreta. OE24 A criança se apropria se não tiver nenhum comprometimento.
--	---

Tabela 1: Extratos das respostas das Orientadoras de Estudo do PNAIC

Através da análise dos registros das professoras alfabetizadoras, percebemos que uma parcela significativa apresenta respostas incoerentes com os estudos presentes no material do PNAIC e todos os demais livros atuais da área. O material do PNAIC evidencia que, quando os adultos julgam a escrita alfabética como um código, seguem a visão adultocêntrica, deixando de perceber a complexidade do processo de aquisição da escrita. Agindo dessa forma, impõem à criança “um funcionamento que não corresponde ao modo real como sua mente opera” (PNAIC, 2012).

A resposta, “Pela repetição, eles irão se apropriar, tipo: A lula é lelé”, exposta na Tabela 1 deixa evidente que não houve reflexão no momento de responder as questões, pois o próprio material do PNAIC aponta que muitas crianças decoravam e memorizavam sílabas através da leitura repetitiva de palavras que iniciam com a mesma relação grafema-fonema, os denominados falsos textos, como o já citado “A lula é lelé”, mas continuavam sem compreender o sistema de escrita alfabética, afinal, não eram expostas a textos reais, condizentes com a realidade na qual vivemos.

3. CONCLUSÕES

Após reflexão e análise das produções textuais das docentes, foi possível observar que suas ideias ainda estão muito vinculadas aos métodos tradicionais de ensino e não dominam os conceitos sobre o sistema de escrita alfabética, o que incide sobre o processo de ensino e aprendizado.

Estes conceitos vêm de uma época em que os estudos da psicolinguística ainda não estavam consolidados, não havia uma devida compreensão sobre o funcionamento da escrita e como acontece o desenvolvimento das aprendizagens pelas crianças em situação de apropriação e construção da escrita.

Para compreendermos o sistema de escrita alfabética como sistema notacional, suas características devem ser levadas em conta. Segundo material do PNAIC (Ano 1 – Unidade 03), no quadro de propriedades do sistema de escrita alfabética construído por Artur Morais (2012), destacamos, entre outros atributos, que determinadas letras não podem ocupar certas posições dentro das palavras, algumas não podem vir juntas de quaisquer outras. As letras têm valores sonoros fixos, muitas têm mais de um valor sonoro e certos fonemas poderem ser notados com mais de uma letra; além de letras, usamos também algumas marcas (acentos) que podem modificar a tonicidade ou o som das letras ou sílabas onde aparecem.

Estes estudos são muito recentes e ainda pouco disseminados entre os professores, o que indica a importância de programas de formação continuada de professores como a que acontece no PNAIC. É fundamental que as alfabetizadoras apreendam as propriedades do SEA e sua apropriação como processo cognitivo. As atividades propostas devem ser reflexivas e precisam estimular o aluno a pensar sobre o funcionamento da escrita.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília: MEC, SEB, 2012. (Cadernos de Formação).

FERREIRO, E. A escrita antes das letras. In: SINCLAIR, H. (Org.) **A Produção de Notações na Criança**. São Paulo: Cortez, 1989.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32. 1999.

MORAIS, A. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SOARES, M. Letramento: **Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.